

**DATAS COMEMORATIVAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL:
PERSPECTIVAS DOCENTES ACERCA DESSAS PRÁTICAS**

***CELEBRATION DATES AT THE BEGINNING YEARS OF ELEMENTARY
SCHOOL: TEACHING PERSPECTIVES ABOUT THESE PRACTICES***

Rodrigo Frederico Greff¹

Vanessa Cristina Treviso²

RESUMO

O presente trabalho busca investigar as percepções de docentes acerca das datas comemorativas nos anos iniciais do ensino fundamental para discutir a maneira que os pedagogos introduzem e desenvolvem a temática da "cultura", e se há distanciamento por parte do professor em abordar as datas comemorativas sem referência a qualquer tipo de religião, ou seja, como manifestações culturais do nosso país que representam aspectos simbólicos do modo de vida brasileiro. Para isso, as referências se pautam na BNCC (2017); ARANHA (1996); VALLA (2001); PCN (1998); DURKHEIM (1978). A pesquisa é de natureza qualitativa, e revisão bibliográfica para análise dos dados coletados por meio de entrevistas à docentes do segmento educacional referido. Pode-se observar, no decorrer desse estudo, que Datas Comemorativas, percorrem todo o calendário escolar e, por isso, se faz importante o trabalho com elas. Conclui-se, uma abordagem das datas comemorativas numa perspectiva histórico-cultural é imprescindível para a formação do educando com suportes humanizados que consideram a diversidade como presença fundante da cultura brasileira.

Palavras-chave: Datas Comemorativas. Ensino Fundamental. Cultura.

¹ Graduação em Pedagogia no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP.
E-mail: greffrodrigo89@gmail.com

² Docente do no Centro Universitário UNIFAFIBE de Bebedouro, SP.
E-mail: vctre@ig.com.br

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo analisa como as datas comemorativas na escola, nos anos iniciais do ensino fundamental, são abordadas e percebidas pelos professores, dadas a sua importância como elementos de identificação e socialização da cultura brasileira. Esses eventos deixam transparecer as estruturas históricas e sociais que, no espaço escolar, longe de se apresentarem como a sobrevivência do passado no presente é, na verdade, contemporânea e estruturante da visão de mundo e da cultura brasileiras (ARANHA,1996).

Os estudos de aspectos simbólicos contidos nos ritos das festas cívicas e religiosas escolares podem servir de embasamento para conhecer elementos da ideologia e da mentalidade da escola pública assim como oferecer subsídios para o trabalho docente voltado à diversidade cultural brasileira, tendo em vista que, desde os anos iniciais, se faz necessária a construção de valores remetidos ao respeito e às diferenças. Desse modo, pressupondo que o papel da escola é compreender as mudanças sociais conectadas aos acontecimentos do mundo e proporcionar sempre a reflexão de sua prática, refletir sobre as tradições não significa somente analisá-las, mas propor um novo olhar de valorização dos aspectos históricos e culturais da nossa sociedade.

O presente artigo está estruturado em introdução, logo após traz o referencial teórico e faz uma abordagem de como o pedagogo trabalha as datas comemorativas ligadas ao conceito de cultura. Na sequência se apresenta a metodologia, bem como a análise dos dados obtidos na pesquisa de campo, a partir do levantamento bibliográfico realizado para assim se chegar às considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O calendário escolar está repleto de datas comemorativas, sejam elas de caráter civil, religioso ou cultural. Devemos sempre ter em mente que lembrar o passado é crucial para o nosso senso de identidade.

Durante a experiência no estágio de docência, muitas questões relativas de como se trabalhar as datas comemorativas no ensino fundamental surgiram para mim. Nesse sentido, veio a minha mente, como o pedagogo deve trabalhar as datas

comemorativas que envolvam religião, por exemplo, mas de forma cultural e significativa?

Qualquer atividade desenvolvida na escola pressupõe uma relação com o saber construído a partir das concepções que se tem, na cultura escolar, do que venha a ser ensinar, aprender e sobre quais saberes tais ações são realizadas.

Para Charlot, aprender é uma condição a qual todos estão submetidos desde o nascimento. Essa aprendizagem é composta por um triplo:

Processo de “hominização” (tornar-se homem), de singularização (torna-se um exemplar único de homem), de socialização (tornar-se membro de comunidade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nela).[...]Nascer, aprender, é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem sou, quem é o mundo, quem são os outros (CHARLOT, 2000, p. 53).

Considerando as prerrogativas de Charlot para o que venha a ser a aprendizagem, inferimos que a seleção de conteúdos a serem trabalhados na escola, dentre estes incluímos as datas comemorativas, desde que levem o aluno a compreender mais de si mesmo e sobre os outros, pode ser realizada a partir de uma diversa gama de saberes já produzido pela humanidade.

É de extrema importância para os alunos dos anos iniciais, na faixa dos 6 a 11 anos, a construção do conhecimento histórico se potencializa a partir do estudo de temáticas que tenham significância para eles. Assim cabe ao professor organizar um currículo e uma proposta pedagógica que seja significativa para as crianças.

Barbosa e Horn (2008, p.42) afirmam:

Preciso compor o currículo com as necessidades que nós, os adultos, acreditamos que sejam aquelas apresentadas pelas crianças e que podemos obter por meio da observação das brincadeiras e de outras manifestações não verbais, assim da escuta de suas falas das quais emergem os interesses imediatos.

Sendo assim, as instituições e profissionais devem ter muito claro qual o verdadeiro significado dessas datas para a vida das crianças; pois essas experiências podem ser muito boas, porém podem trazer também medos, preconceitos, erros.

De acordo com Souza (2000, p.101)

Quando falo sobre a importância de tornar essas festas e comemorações significativas tanto para criança como a prática pedagógica do professor, estou, antes de tudo, afirmando que essa prática deve estar em sintonia com a criança ponto acredito que toda ação pedagógica deve estar sempre voltada para criança, lista como a pessoa de direito, em que desenvolve em desenvolvimento, histórica e culturalmente situada e com características e necessidades especiais. Falo ainda, da necessidade de se atentar para tudo o que está sendo apreendido: conceito, atitude, valores e ideologias.

Pude observar durante o estágio como pelo compartilhamento de experiências de colegas da faculdade, em relação aos seus estágios, que o trabalho das datas comemorativas, apesar de obrigatório, é realizado de maneira superficial, sendo o tema das datas um cenário para as atividades a serem desenvolvidas.

Pouco pude perceber que as instituições de ensino, e até mesmo algumas educadoras preocupavam-se em explorar o significado real das datas comemorativas celebradas.

Observei durante o período de estágio que o trabalho com as datas comemorativas tem sido realizado sem antes haver uma real reflexão sobre o assunto a ser explorado até mesmo sobre a validade desse tipo de trabalho com as crianças.

Segundo OSTETTO (2000, p.183)

A articulação é aparentemente justamente porque não amplia o campo de conhecimento para criança, uma vez que as datas fecham se em si mesmos, funcionando como pretexto para desenvolver esta ou aquela atividade ou habilidade.

Ainda com relação ao cunho obrigatório que se estabelece em relação ao trabalho das datas comemorativas nas escolas, observa-se a execução de atividades como cumprimento de protocolos, sem reflexões e objetivos delimitados com a aprendizagem.

3 Como o pedagogo pode trabalhar as datas comemorativas ligadas ao conceito de cultura?

A escola é parte integrante de um contexto social mais amplo e, é fato, que tais datas ou, em outras palavras, os trabalhos pedagógicos em torno de tais datas adentram o cotidiano escolar, influenciando, principalmente, quanto ao que se ensina e o que se aprende, já que hoje a em dia com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) se propõe uma interdisciplinaridade.

A opção por trabalhar com datas comemorativas na escola relaciona-se com a autonomia que toda escola tem para selecionar e organizar os conteúdos a serem ensinados para os alunos durante o ano letivo.

Na maioria das vezes, tais datas justificam a realização de festas e/ou comemorações e são entendidas como temáticas importantes para o ensino. No entanto, levantamos como hipótese que, da forma como são trabalhadas com os alunos, não possibilitam uma aprendizagem significativa. O caminho investigativo percorrido a partir da hipótese traçada apoia-se na concepção de que a escola é um lugar de construção de saberes cujo objetivo principal é levar todos os alunos a aprenderem cada vez mais e melhor.

Por isso, almejamos compreender quais as intencionalidades pedagógicas que sustentam o trabalho com datas comemorativas na escola, ou seja, em outras palavras, o que se ensina e o que se aprende quando tais temáticas são abordadas. Elencamos como princípio norteador dessa investigação as características que as escolas apresentam compreendidas a partir do que Forquin (1993) denomina de cultura escolar: o conjunto organizado de saberes de diferentes tipologias a partir dos quais agem gestores, professores e alunos.

Para este autor, a cultura escolar relaciona-se diretamente, ou poderíamos dizer que se insere, em um âmbito maior, denominado de cultura humana. Assim sendo, o que identificamos no interior de qualquer escola dialoga diretamente com tudo o que ocorre em seu entorno, mas, ainda, conforme Forquin (1993), pode-se identificar um “mundo social” em cada escola, definido pelo autor como as “características de vida próprias, seus ritmos e ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos” (FORQUIN, 1993, p. 167).

Para Frago (2000) a cultura escolar pode ser compreendida como a somatória de todas as ações, ideias, normas que circulam no cotidiano escolar e que definem a forma como a escola age e como se entende ser. Tais ações são compreendidas, aceitas e quase nunca, questionadas pela equipe de gestores, professores, alunos, pais. Trata-se de algo invisível, mas solidamente presente, que funciona como balizador para as decisões a serem tomadas no dia a dia escolar.

No entanto, a não existência de um planejamento prévio sobre esses trabalhos que envolvem processos de ensino e aprendizagem de questões mais complexas capazes de levar os alunos a compreenderem o que é o porquê estavam

a realizar determinadas atividades. No geral, tais momentos relacionam-se muito mais com a cultura do presentear do que com a aprendizagem, o que não deixa de ser importante se considerarmos a escola como um espaço que também corrobora na formação afetiva dos sujeitos.

Para Charlot, aprender é uma condição a qual todos estão submetidos desde o nascimento.

Essa aprendizagem é composta por um triplo processo de “hominização” (tornar-se homem), de singularização (torna-se um exemplar único de homem), de socialização (tornar-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nela). [...] Nascer, aprender, é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem sou, quem é o mundo, quem são os outros (CHARLOT, 2000, p. 53).

Para o autor em questão, o que realmente define a relação com o saber não é o que se ensina, mas a mobilização em torno do ensinar e aprender. Mobilizar é pôr recursos em movimento. Mobilizar-se é reunir forças para fazer uso de si próprio como recurso.

[...] A criança mobiliza-se, em uma atividade, quando investe nela, quando faz uso de si mesma como um recurso, quando é posta em movimento por móveis que remetem a um desejo, um sentido, um valor. (CHARLOT, 2000, p. 55).

Entendermos que no trabalho com as datas comemorativas há mobilização. Mas seria sobre esse tipo de mobilização que Charlot tece suas argumentações? Em toda mobilização, encontra-se a ideia de movimento, mas não temos certeza de que em todo movimento há uma ideia de significado para educando.

O que verificamos nas escolas é que, nos dias que antecedem as datas comemorativas, o movimento é muito maior acelerando o ritmo de todas as ações realizadas.

Adentrando por outro viés teórico, há os que defendem que o trabalho escolar pode ser descaracterizado quando, ao organizarmos o currículo da escola, deixamos o que é secundário, tornar-se papel principal no ensino, passando de acessório, para atividade primordial. Para Saviani (1991) não é demais lembrar que este fenômeno pode ser facilmente observado no dia a dia das escolas.

O ano letivo começa na segunda quinzena de fevereiro e já em março temos a semana da revolução, em seguida a semana santa, depois a semana das mães, as festas juninas, a semana do soldado, do folclore, a semana da pátria, jogos da primavera, semana das crianças, semana do índio, semana da asa, etc., e nesse momento já

estamos em novembro. O ano letivo se encerra e estamos diante da seguinte constatação: fez-se de tudo na escola, encontrou-se tempo para toda espécie de comemoração, mas muito pouco tempo foi destinado ao processo de transmissão-assimilação de conhecimentos sistematizados. Isto quer dizer que se perdeu de vista a atividade nuclear da escola, isto é, a transmissão dos instrumentos de acesso ao saber elaborado. É preciso, pois, ficar claro que as atividades distintivas das semanas, acima enumeradas, são secundárias e não essenciais à escola. Enquanto tais são extracurriculares e só tem sentido na medida em que possam enriquecer as atividades curriculares, isto é, aquelas próprias da escola, não devendo em hipótese nenhuma prejudicá-las ou substituí-las (SAVIANI, 1991, p. 24).

Segundo o autor o principal papel da escola é a transmissão de conhecimento científico sistematizado. Na cultura escolar, o trabalho com essas datas se vincula, na maioria das vezes, à disciplina de História e, no caso do feitiço de presentes ou outros acessórios, à disciplina de Artes.

Quando uma ação não é efetivamente planejada, mas se repete todos os anos, podemos concluir que está ligada a cultura da tradição. Não se questiona as finalidades de se fazer, mas sim a necessidade de fazer.

Neste contexto, é promissor discutir qual a função pedagógica ao se repetir, anos após anos, determinadas ações nas escolas. Essa argumentação nos aproxima do conceito de tradição inventada, cunhado por Hobsbawm (1984). Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado.

Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBBSAWM, 1984, p. 09-10). O autor ainda complementa que tradição inventada “são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores, ou estabelecem seu próprio passado através da repetição quase que obrigatória”.

Nesse sentido, observa-se que o trabalho com datas comemorativas nas escolas está atrelado a essa concepção, em que a cada ano se repetem rituais ainda que com outras músicas, outros presentes, enfim, o mesmo fim a partir de diferentes meios.

Essa situação é existente na escola, e os educadores, juntamente com toda a equipe escolar, precisam pensar sobre essa questão, e escolherem se querem

continuar fazendo tudo somente pela tradição e repetirem a cada ano as mesmas ações ou refletirem e transmitirem aos alunos o real sentido e significado dessas datas, de forma que sejam propulsoras de um ensino significativo, não deixando de lado a transmissão de um saber sistematizado.

É inegável o fato de que, hoje em dia na sociedade, algumas datas comemorativas são impulsionadas por questões comerciais. Muitas vezes, tal ideia é incorporada na escola sem maiores questionamentos. Por isso, se faz necessário partir do pressuposto de que é preciso refletir sobre a forma como são trabalhadas as datas comemorativas dentro da instituição escolar, deixando de ser apenas uma transmissão de conteúdos, apresentação de trabalhos para os pais, ou como uma forma de instigar o consumo.

Pensar no currículo para a Educação exige refletir sobre a prática educativa: o que será privilegiado e como serão desencadeadas as experiências de conhecimento com as crianças, no sentido de uma formação mais humana, conseguida, dentre tantas possibilidades, pelo exercício da resolução de conflitos, pelas descobertas, por uma educação ética, política e estética (BRASIL, 2009).

Assim como Barbosa e Horn (2008, p. 36), também contribuem com essa compreensão ao mencionar que “construir um currículo a partir de pistas do cotidiano e de uma visão articulada de conhecimento e sociedade é fundamental”.

Isso significa que o que faz parte da vida das crianças não pode ser negado, mas se pensarmos no apreço pelas datas comemorativas publicadas pelas grandes empresas, reconhecendo que essa questão merece ser debatida e não reforçada dentro das instituições. De acordo com a visão panorama, Oliveira (2002) pontua que a estrutura dos currículos deve ser aberta e flexível e fazer com que a referência a objetos culturais de conhecimento leve a engendrar contextos de aprendizagem significativos.

Destarte, devem atentar para atividades diversificadas, que encaminham à compreensão de que os processos de aprendizagem e desenvolvimento são individuais, mas se constroem na coletividade, por meio de trocas, dos conflitos, do brincar negociado, dentre outras possibilidades.

A construção do currículo deve estar articulada à ação docente, pois é a partir dessa interação que serão mediados o conhecimento, as percepções e as emoções dos sujeitos envolvidos nesse processo educativo, que sofre influências dos fatores internos e externos, e que permeiam o processo de ensino e de aprendizagem.

Essas relações podem agora ser vistas sob outra ótica: a criança é convidada a se fazer presente nessas discussões, pois sendo consideradas como sujeitos de direitos, elas precisam ser ouvidas, escutadas, precisam fazer parte da construção desse currículo.

Isso propicia o entendimento de que as práticas, em sua maioria, estão longe dos fundamentos necessários para um atendimento de qualidade. Quando pensamos em atividades para preencher o tempo, quando a preocupação que predomina é produzir atividades/registros escritos como forma de mostrar que estamos a ensinar, o foco não está no processo nem na criança, mas no resultado. Ao observarmos que, semana após semana, os temas se sobrepõem, sendo apresentados de maneira fragmentada, com base em um calendário que se repete ano após ano, percebemos que muito tem sido deixado de lado em nome de trabalhar o que as famílias esperam ou o que a escola considera ser o mais importante.

4 METODOLOGIA

Quanto à metodologia, os dados foram analisados de forma imparcial e sigilosa, de modo que cada um dos profissionais da área da educação participantes da pesquisa não foi revelado as suas informações pessoais. Para obter uma análise concreta, foi considerado o disposto no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), tomando como base toda a manifestação dos docentes selecionados na entrevista, de maneira a registrar suas práticas em relação à temática em pauta. Também foi verificada a conduta do professor sobre as atividades realizadas com as crianças, analisando e detalhando dados sobre as estratégias de se ensinar por parte do profissional. Os dados também foram comparados com o estudo bibliográfico feito por meio da leitura e análise de diversas obras relacionadas à importância de se trabalhar datas comemorativas, envolvendo a relação do tema provocando, por consequência, uma articulação entre a parte teórica da pesquisa e o momento prático ocasionado pelas entrevistas. Para concluir a análise desses dados, foi elaborada uma tabela em que os professores serão identificados com números: “Prof 1”, “Prof 2” (e assim sucessivamente), apontando sobre procedimentos de trabalho desses docentes em sala de aula sobre o trabalho

desenvolvido com a datas comemorativas. Conta, ainda, a elaboração de gráficos, no caso das perguntas de múltipla escolha (questões objetivas), facilitando, assim, a comparação das possibilidades de respostas por parte dos entrevistados e, por consequência, a compreensão dos dados pelos interessados na referida pesquisa, objetivando, ainda, melhor contribuir para as reflexões na área da educação.

4.1 PARTICIPANTES

Cinco professores de uma escola municipal do interior de São Paulo que lecionam para a faixa etária de 06 aos 10 anos.

4.2 COLETA DE DADOS

Foi enviado um link da pesquisa no Google Forms, via Whatsapp, para que as educadoras respondessem no prazo de uma semana.

4.3 ANÁLISE DOS DADOS

Posteriormente à coleta, a análise dos dados foi representada por gráficos e tabelas fundamentados numa discussão teórica. As questões foram discursivas de modo que os professores entrevistados ficassem à vontade para expor suas opiniões e práticas. O discurso foi analisado com vistas a uma fundamentação teórica pertinente ao tema.

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

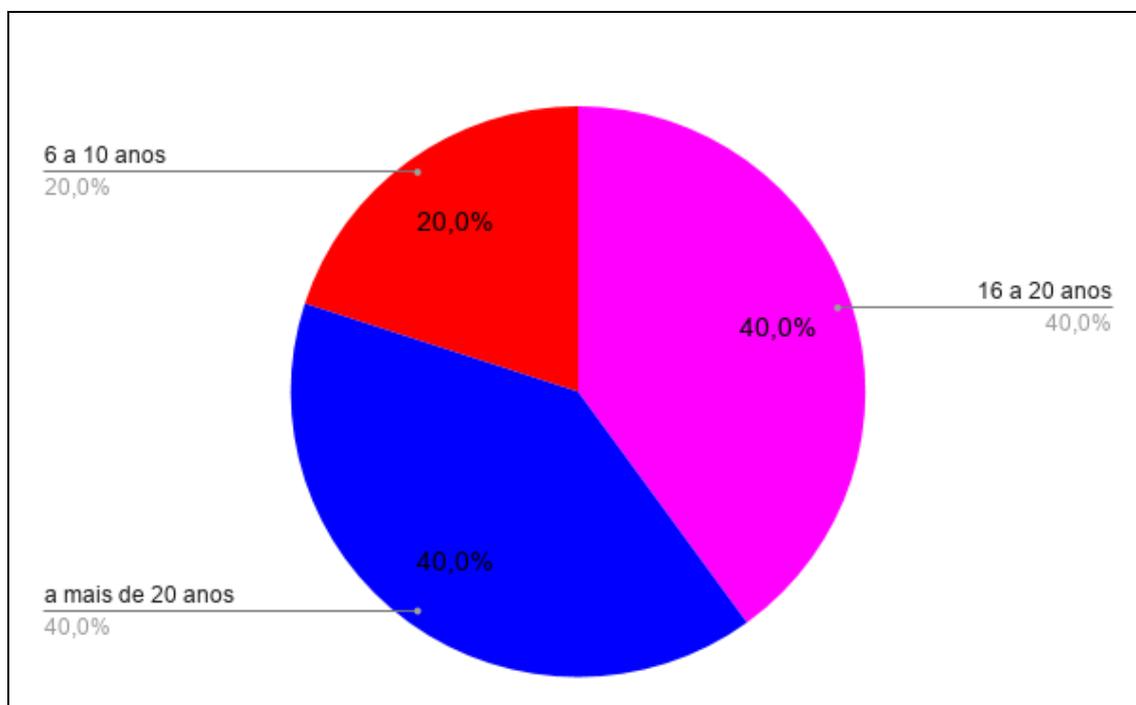
A entrevista ocorreu de forma agradável, em um clima de confiança e aceitação, uma vez que se deu de forma online em decorrência da pandemia pelo COVID-19. Cada docente escolheu o seu horário e o momento da sua participação, a partir de sua disponibilidade.

Assim os 05 (cinco) docentes participantes da pesquisa relataram suas práticas sobre o tema abordado. Por meio das entrevistas realizadas pelo Google Forms, contaram-se os seguintes resultados.

5.1 FORMAÇÃO

5.1.1 Há quantos anos trabalha na área da educação?

Gráfico 01: TEMPO DE ATUAÇÃO



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

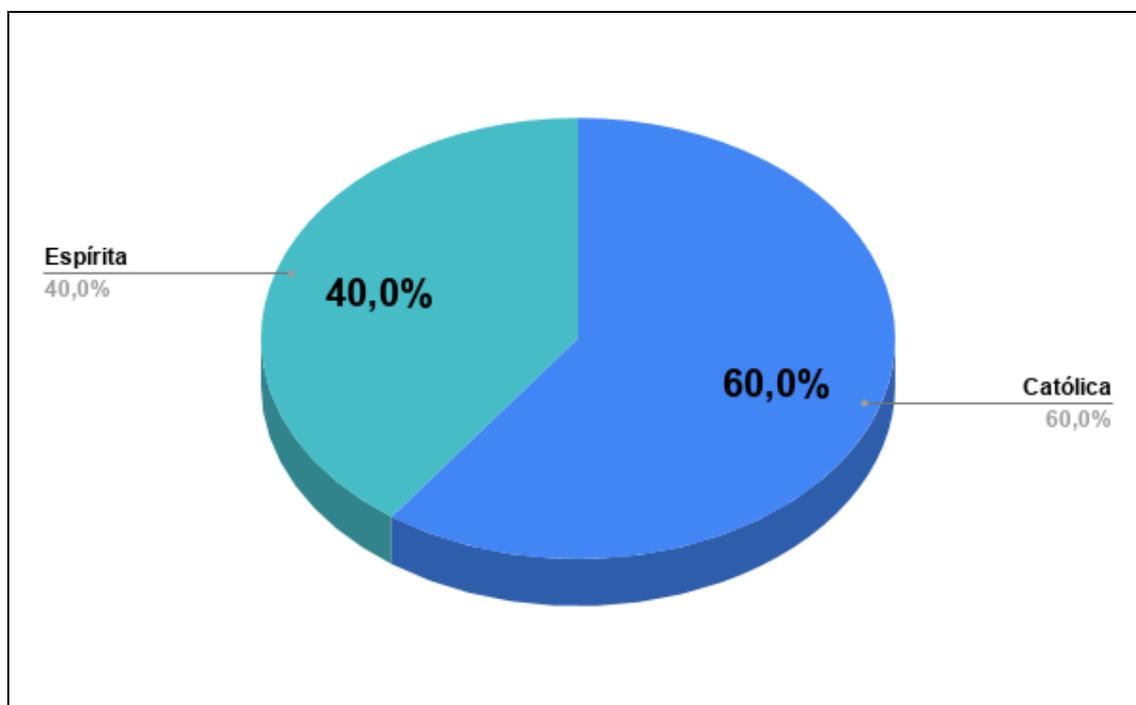
Os professores entrevistados têm em sua maioria mais de 16 anos de experiência na docência do ensino fundamental. Como se observa o gráfico acima.

5.2 RELIGIÃO

5.2.1. Você Possui Uma Religião? Caso Tenha, Qual?

A segunda pergunta inserida no questionário apresentado aos professores participantes foi “Você possui uma religião? Caso tenha, qual?”. As respostas são apresentadas no gráfico 2.

Gráfico 02: VOCÊ POSSUI UMA RELIGIÃO? CASO TENHA, QUAL?



FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

Observa-se que todos os professores informaram que possuem uma religião e que há uma predominância do catolicismo, apontado por três professores, enquanto dois indicaram ser espírita. Como mostra a tabela 1.

TABELA 01	
CÓDIGO	RESPOSTAS
P1	Sim, sou Católico.
P2	Sim, sou Espírita.
P3	Sim, sou Católico.
P4	Sim, sou Católico.
P5	Sim, sou Espírita.

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

5.3 PRÁTICA E ROTINA DE TRABALHO

5.3.1. Você pensa que é importante trabalhar as datas comemorativas na escola? Sim ou Não? E por quê?

Indagou-se: Você pensa que é importante trabalhar as datas comemorativas na escola? Sim ou Não? E por quê? Todos os cinco participantes pensam que é importante se trabalhar as datas comemorativas. Desde que se faça uma contextualização dentro dessa prática, e que seja trabalhada de forma que faça parte de nossa história e cultura. Como traz a tabela 02.

TABELA02	
CÓDIGO	RESPOSTAS
P1	Sim! Vejo que nas datas comemorativas faz uma alusão a história de nosso país ou do meio em que estamos inseridos.
P2	Sim. Fazem parte da Cultura Popular.
P3	Sim, pois toda data comemorativa tem uma história, a criança precisa ficar ciente, compreender e entender a finalidade de cada uma delas.
P4	Sim, por fazer parte da nossa história e cultura.
P5	Sim, desde que esteja contextualizado dentro de práticas significativas.

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

5.3.2. Como é feita essa abordagem por você professor em relação às datas comemorativas?

TABELA 03	
CÓDIGO	RESPOSTAS

P1	Como professor procura abordar as datas de forma prazerosa, fazendo relações com o dia e hoje e ressaltando a sua importância para atualidade.
P2	Abordando aspectos históricos e culturais.
P3	Faço uma abordagem de forma lúdica, assim a criança irá se manter atenta e motivada, ao final trabalho atividades renovadas para melhor compreensão.
P4	As datas comemorativas são organizadas no planejamento semestral, onde já são programadas as atividades que serão desenvolvidas.
P5	As datas comemorativas são conteúdos que exploro habilidades propostas pelo currículo.

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

Perguntados como era feita abordagem destaca-se a resposta da P1 e P3 como vimos acima que faz uma abordagem de forma lúdica, fazendo a criança se manter atenta e motivada, para melhor compreensão. Já P4 e P5 faz essa abordagem, pois está no currículo e no planejamento da escola. Enquanto a P2 traz o tema na perspectiva histórico e cultural.

5.3.3. Você percebe que existe influência religiosa na comemoração dessas datas? Sim ou Não? E por quê?

A P1 diz que sim como exemplo cita o mês de junho como prova disso, já a P2 diz que a escola é laica, ou seja, para ela todas as religiões são respeitadas.

TABELA 04	
CÓDIGO	RESPOSTAS
P1	Sim! O mês junino é prova disso.
P2	Não. A Escola é Laica.
P3	Não, pois cada família tem a liberdade de escolha, basta o professor saber conduzir, principalmente na questão religiosa, então não deixo que essa questão atrapalhe o desenvolvimento da sala.
P4	Algumas datas sim. Como por exemplo, páscoa.
P5	Acredito que haja necessidade de trabalhar o contexto histórico e social dentro desse tema. Mesmo que a data seja de cunho religioso o aspecto de tolerância às diferentes culturas precisa estar dentro da prática de formação escolar.

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

5.3.4. Existe no calendário oficial brasileiro ou municipal, diversas datas religiosas que são feriados, tais como dia do padroeiro da cidade, sexta-feira

da paixão, dia da padroeira nacional entre outras. Você é a favor da manutenção destes feriados? Comente.

TABELA 05	
CÓDIGO	RESPOSTAS
P1	Sim! Só acho que teria que incluir outros "deuses" de diversas religiões no calendário nacional.
P2	Sim. Fazem parte da História Cultural do nosso país.
P3	Sim, pois independentemente da religião é preciso que se tenha respeito, é importante que se conheça a história do padroeiro no caso e faça as ligações necessárias da história dele com a história da cidade.
P4	Sou a favor. Porque independente da religião, é algo cultural. Faz parte da nossa cultura e historia.
P5	Sim, já visto que as datas religiosas não deixam de ser manifestações históricas culturais.

FONTE: ELABORAÇÃO PRÓPRIA

No que diz respeito a feriados religiosos no calendário oficial brasileiro ou municipal, os cinco participantes afirmaram que são a favor da manutenção dos mesmos e em contrapartida, de acordo com o apresentado no Tabela 1, embora apenas três participantes informassem ser católicos, nesta questão os cinco indicaram ser favoráveis aos feriados.

Cabe-nos, portanto, nesta pesquisa, apontar que calendário escolar é repleto de comemorativas; como dito por SAVIANI e, pelo grupo pesquisado, isso se confirma.

E como fala do Souza (2000, p.101):

Quando falo sobre a importância de tornar essas festas e comemorações significativas tanto para criança como a prática pedagógica do professor, estou, antes de tudo, afirmando que essa prática deve estar em sintonia com a criança ponto acredito que toda ação pedagógica deve estar sempre voltada para criança, lista como a pessoa de direito, em que desenvolve em desenvolvimento, histórica e culturalmente situada e com características e necessidades especiais. Falo ainda, da necessidade de se atentar para tudo o que está sendo apreendido: conceito, atitude, valores e ideologias.

Conclui-se que a teoria e as práticas dos professores estão fundamentadas de acordo com autores citados no artigo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se observar, no decorrer desse estudo, que as Datas Comemorativas, percorrem todo o calendário escolar e, por isso, se faz importante o trabalho com elas.

Observa-se que a Base Nacional Comum Curricular destaca o que será privilegiado e como serão desencadeadas as experiências de conhecimento com as crianças, no sentido de uma formação mais humana, conseguida, dentre tantas possibilidades, pelo exercício da resolução de conflitos, pelas descobertas, por uma educação ética, política e estética. (BRASIL, 2017).

Por fim, uma abordagem das datas comemorativas numa perspectiva histórico-cultural é imprescindível para a formação do educando com suportes humanizados que consideram a diversidade como presença fundante da cultura brasileira.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação**. 2ª ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1996.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria Executiva. Secretaria de Educação Básica. Conselho Nacional de Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base**. Brasília, DF, 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=79601-anexo-texto-bncc-reexportado-pdf-2&category_slug=dezembro-2017-pdf&Itemid=30192> Acesso em 23 02 2020.

BRASIL. SEF. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. História. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CHARLOT, B. **Da Relação com o Saber: elementos para uma teoria**. São Paulo: Artmed, 2000. FORQUIN, J. C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar**. Tradução: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Vol.I e II. EPU/EDUSP. 1974.

OSTETTO, Luciana E. Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, Luciana E. (Org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil**. 10ª edição. Campinas, SP: Papirus, 2012.

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**. Sobre a natureza e especificidade da educação. São Paulo: Cortez. Autores Associados, 1991.

SOUZA, Maria de Fátima Guerra. **Para além de coelhos e corações: reflexões sobre a prática do educador infantil**. Brasília, V6, nº 10, p. 95-109, 2000.

VALLA, Victor Vicent (org). **Religião e Cultura Popular**. Coleção o Sentido da Escola. Porto Alegre: DP&A Editora, 2001.